

Sexualidades, corporalidades e transgêneros: narrativas fora da ordem – ST 16  
Tatiana Lionço  
Consultora Técnica do Ministério da Saúde  
Palavras-chave : transexualidade; diversidade sexual ; inserção social.

### **A transexualidade entre a transgressão e a inserção social**

A transexualidade apresenta exemplarmente os impasses que se instituem na proposição de modelos baseados na naturalização da bipartição dos sexos para a experiência humana, sustentados em discursos normativos e, conseqüentemente, decorrendo em indicações sobre o que seria anormal, aberrante ou perverso. O acolhimento da experiência transexual como possibilidade de subjetivação é um grande desafio contemporâneo, implicando a necessidade de questionar a psiquiatrização da transexualidade, que circunscreve a psicopatologia denominada ‘transexualismo’ como categoria nosográfica, e para a qual são oferecidas ‘soluções’ a nosso ver bastante precárias e que não levam em consideração a problemática transexual sob a perspectiva da diversidade humana e do laço social.

É nosso objetivo indicar o caráter transgressor da transexualidade no que tange à norma heterossexual sócio-historicamente constituída, bem como problematizar a conotação patologizante que permeia a transgressão, operada na experiência transexual, quanto a esta normatização. O acolhimento da transexualidade enquanto ‘solução’ nos permitirá supor a possibilidade da inclusão social de indivíduos que apresentem discordância entre seus corpos anatômicos e o sexo com o qual se reconhecem subjetivamente, desde que se construam outros referenciais simbólicos que sustentem a transexualidade como experiência possível, e não apenas como um desvio, em relação a um padrão de normalidade, que deveria ser corrigido.

Nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905d) apresenta a concepção da constituição humana como psicosexualidade, circunscrevendo a pulsão como conceito indicador da dinâmica própria aos processos de subjetivação. A pulsão seria um conceito fronteiro entre as dimensões somática e psíquica, sendo a medida da exigência de trabalho que o corpo, em sua dimensão somática, imporia ao psiquismo (Freud, 1915c).

Tomando como parâmetro a psicosexualidade, a experiência do corpo não pode ser redutível à sua condição somática, mas tampouco à sua também condição simbólico-representacional alcançada pelo trabalho psíquico. A pulsionalidade do corpo implicaria em uma relação de disjunção e de articulação entre, de um lado, o corpo em sua dimensão somática, e, de outro, as representações construídas e que conferem sentido à experiência do corpo e de si mesmo. A esta relação de

articulação-disjunção denominamos tensionalidade somato-psíquica, e a sustentamos como indicadora da lógica própria à dinâmica dos processos de subjetivação humanos (Lionço, 2006).

Nos *Três Ensaio...*, Freud (1905d) considera a experiência sexual humana fora do parâmetro que naturalizaria o sexo sob o signo da reprodução. Ao desvincular a sexualidade humana do propósito da reprodução da espécie, Freud (idem) abre o campo da consideração das possibilidades amorosas e das constituições subjetivas para a errância, ou, dito em outros termos, para o devir, que caracteriza a própria pulsão, marcada que é pela indeterminação quanto aos seus objetos de satisfação e sujeita à determinação da experiência relacional.

Desvinculando as destinações subjetivas da determinação natural, a psicanálise, segundo a apreendemos, destitui o sexo anatômico da garantia de direção inequívoca para a constituição psíquica. O sexo anatômico restaria como uma referência instável ou precária na determinação dos destinos da subjetivação, ainda que o sexual se mantenha como marca fundamental na constituição das psicosexualidades. A diferença entre os sexos emerge como fundamento dos processos de subjetivação, mas não como indicadora de uma garantia que o sexo conferiria à constituição psicosexual do indivíduo: antes, a diferença sexual é, em si, uma condição diante da qual todo sujeito humano deverá se posicionar, havendo de ser elaborada nas experiências relacionais do indivíduo.

A constituição do Eu, tal como apreendida pela psicanálise freudiana, sustenta esta dupla vertente em seu fundamento: a da organização de uma referência psíquica que demarque fronteiras em termos de mobilidade nos investimentos libidinais (auto ou hetero-orientadas), operação própria ao narcisismo, mas também a de um campo instituído nos processos identificatórios por elementos díspares e não necessariamente harmonizados em uma unidade, com especial destaque às moções parciais de investimentos pulsionais, associados a arranjos psíquicos não integráveis, como as identificações masculina e feminina, cindindo o Eu em aspectos diferenciados em sua própria constituição.

Segundo a perspectiva da tensionalidade somato-psíquica, implicada nas soluções psicosexuais que caracterizam os processos de subjetivação, reconhecemos o Eu como uma instância complexa, que articula duas tendências fundamentais para a constituição do humano. Concomitantemente à pretensão narcísica de unificação pela imagem especularmente construída do próprio corpo (o Eu como imagem corporal é apresentado por Freud em 1923b), o Eu resta díspar ou fragmentário ao acolher, em sua constituição pelos processos identificatórios implicados no Édipo, aspectos de ambos os sexos, ou da diferença sexual ela mesma.

O desamparo radical nas origens do sujeito psíquico é indicado por Freud (1926d) em *Inibições, Sintomas e Angústia*, sugerindo ser o bebê carente de quaisquer recursos que lhe proviessem os meios de lidar com a pulsionalidade que o toma corporalmente, lhe exigindo trabalho de tramitação para as exigências somáticas, conferindo ao mesmo um caráter de dependência em relação ao outro humano, que lhe prestaria cuidados e lhe ofereceria os meios pelos quais lidar com sua própria condição.

Nas origens, e fundamentalmente, o sujeito humano está fadado a se constituir como ser psíquico numa imersão relacional, o que situa a alteridade como marca fundamental de toda possibilidade de subjetivação.

Com os avanços psíquicos, operados na relação com o outro, em termos de sua organização, forja-se a referência para o ser humano de uma unidade de si delimitada em relação ao outro. Esta operação, que por ora foi indicada em sua operacionalidade pelo verbo ‘forjar’, é a própria instituição, pela condição narcísica, da instância egóica, que reflete a possibilidade de uma maior organização dos investimentos libidinais.

A condição narcísica deve ser considerada em sua complexidade já que, apesar de aludir justamente a uma dimensão de integridade, não há como sustentar a partir da perspectiva freudiana a suposição de uma unidade psíquica ou subjetiva, restando para a questão do narcisismo a necessidade de melhor indicar as nuances pelas quais operam os processos de subjetivação, em sua disposição à busca da sustentação de uma referência unitária, diante dos obstáculos e impedimentos que se lhe apresentam no decorrer das experiências relacionais.

A condição narcísica implica na possibilidade da realização de investimentos objetivos que demarcam a distinção entre uma auto-referência e uma hetero-referência, levando Freud (1914c) a diferenciar uma libido do Eu de uma libido de objeto. O Narcisismo requer uma nova ação psíquica sobre a condição mais arcaica do auto-erotismo, que carregava a marca da sexualidade infantil em seu caráter originário, ou seja, parcial e polimorfa. Esta nova ação psíquica requerida para os investimentos narcísicos e hetero-orientados (ao outro como objeto total, e não mais apenas parcial) é o Eu.

A questão da constituição do Eu é considerada por Lacan (1998), em *O Estádio do espelho como Formador da Função do Eu*, como situada

Numa linha de ficção, para sempre irreduzível para o indivíduo isolado – ou melhor, que só se unirá assintoticamente ao devir do sujeito, qualquer que seja o sucesso das sínteses dialéticas pelas quais ele tenha que resolver, na condição de eu, sua discordância de sua própria realidade. (p. 98)

No momento primário de sua constituição, na conformação do que se denomina ‘Eu Ideal’ ou narcisismo primário, a criança precipitar-se-ia da insuficiência para a antecipação, especularmente,

“desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica” (Lacan, 1998, p. 100).

Essa ortopedia de si, operada pela identificação especular, nos permite pensar na constituição do Eu como reparadora do desamparo ao qual é largado o corpo humano. Reparação essa, no entanto, que não faria mais do que instaurar uma nova condição em que o sujeito humano se encontraria à mercê do estilhaçamento ou fragmentação.

A idéia de ortopedia nos parece de especial interesse por denotar a disjunção ou a hiância que a instituição da organização narcísica impõe à subjetivação. Se é possível que o psiquismo produza representacionalmente tentativas de organização ou continência para o corpo, essa pretensão não é efetivada, já que o corpo fragmentado, esse corpo a que a representação imaginária buscou apaziguar e delimitar, resta em sua dispersão e vem impelir a instância do Eu a lidar com exigências somáticas de elaboração psíquica. Isso porque, como já salienta Lacan (1998), o Eu se manterá como instância que terá de se haver com impulsos que lhe serão perigosos, no sentido de colocarem sua pretensa unidade em questão.

A organização forjada na instituição do Eu pelo narcisismo não ultrapassa a condição de parcialidade do auto-erotismo, mas, segundo Freud (1914c), a ela acresce a possibilidade de integrar moções pulsionais parciais em investimentos mais globais, seja em relação aos objetos, seja em relação a si próprio. Esta dinâmica inerente ao próprio Eu deve ficar clara: trata-se de uma instância psíquica complexa, que conjuga a unidade à dispersão.

A delimitação do sujeito humano em termos de uma unidade passível de investimentos libidinais não significa que essa condição unificada seja garantida para o sujeito psíquico. Freud (1914c) nos permite supor que a instituição do narcisismo implica em uma pretensão e em sua não consecução, já que do Eu Ideal insustentável desdobrar-se-á a possibilidade da permanência da pretensão unitária em termos de uma idealização. O Ideal do Eu se mantém sempre como referência, e nunca como condição real, restando o Eu carente e faltoso em relação à sua pretensão de integridade.

Não havendo desde sempre o reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos, as crianças, em suas teorias sexuais infantis, operam um deslizamento de significantes de um corpo masculino para um feminino, efetuando a ilusão de que não haveria limites ou cortes para os contornos de suas próprias constituições identitárias. Os bebês nascem pelo ânus, as vaginas são pênis pequenos, meninos e meninas estão inseridos num plano único, que é o da possibilidade da equiparação. Quando da constatação da diferença anatômica entre os sexos, o que se opera é uma grave ferida narcísica, uma perda. O sexo, enquanto marca da diferença, implica a perda da ilusão de que se poderia ser,

simplesmente, passando o sujeito a perceber-se ‘não sendo como um outro’, e tendo de delimitar o que se é numa relação de diferenciação em relação a este outro, bem como de semelhança em relação a um outro que lhe sirva como suporte de sua própria imagem.

Joyce McDougall (2001) propõe o estatuto de profantasia ao ‘ideal hermafrodita’, ou à ‘ilusão bissexual’, que a autora adota como sinônimos. No Édipo, o que estaria em jogo para McDougall (idem) seria justamente o confronto com a monossexualidade, ou seja, a constatação do impossível desejo de ter e ser os dois sexos, tendo a criança que se posicionar em relação à diferença sexual. A ferida narcísica que destitui o Eu de sua pretensão Ideal é instituída no Édipo, como momento privilegiado em que o sujeito humano se posiciona em relação à diferença entre os sexos, restando da travessia edípica a instituição do Ideal do Eu, o que permitirá que o sujeito, ainda que gravemente ferido, persista em sua busca de realização, mesmo balizado pelos limites impostos por sua condição sexuada.

A transexualidade expressa a não restrição dos processos de subjetivação humanos à lógica que naturaliza o sexo e padroniza as possibilidades expressivas da sexualidade humana. Ainda, a transexualidade veicula a fantasia fundamental da superação do corte da diferença sexual, indicando uma pretensão identitária para o que, no humano, estaria condicionado à lógica da diferença, da cisão, e da impossibilidade de alcançar uma estabilidade na univocidade de si.

A reflexão dos processos de subjetivação sob o parâmetro da psicosexualidade, considerando a tensionalidade somato-psíquica como lógica operacionalizadora do devir humano, implica o estranhamento quanto à pretensão identitária sustentada por transexuais, e, conseqüentemente, à oferta médico-tecnológica de solução para o ‘equivoco’ da disjunção somato-psíquica. Ainda que a transexualidade ateste a efetiva disjunção entre as dimensões somática e psíquica na subjetivação, também permite exemplarmente sustentar a impossibilidade de uma ‘harmonização’ entre estes dois registros. As cirurgias correccionais podem trazer benefícios para transexuais, mas não são eficazes na ‘reparação’ da tensionalidade somato-psíquica. Uma nova conformação somática disporá novas exigências de elaboração psíquicas, e a pretensão identitária de transexuais não se consuma com a correção de um suposto equivoco no corpo: a referência à diferença sexual se mantém como elemento a ser elaborado, não sendo possível prescindir de traços e marcas que inscrevem a diferença sexual, e não apenas um dos sexos, no cerne da subjetivação humana.

Se há a possibilidade de romper com os limites da condição anátomo-fisiológica do sexo, através da promoção de alterações somáticas pelas intervenções médico-cirúrgicas, o limite nas possibilidades de ser sexuada, para o transexual, retorna na precariedade do universo simbólico e dos

laços sociais em dar conta de lidar e acolher sua diferença como marca da instabilidade do devir humano. A expressão da transexualidade escapa ao controle normativo que naturaliza o sexo, interpelando a cultura humana a instituir novas significações para as possibilidades de constituições humanas. Circunscrever tal expressão transgressiva nas bordas do detalhamento assegurador das psicopatologias, ou do retrato da aberração é, a nosso ver, uma estratégia precária de conferir um campo simbólico de significação para o que a transexualidade impõe como ruptura. Conferir um lugar simbólico para uma possibilidade de constituição e expressão humana a partir da delimitação de um campo ‘às margens’ ou de desvio, é, segundo nos parece, uma forma de escapar do enfrentamento do que nos é colocado pela transexualidade.

Alertados pela própria violência que é dirigida socialmente para transexuais, seja na forma da exclusão social, seja na forma do extermínio homicida, devemos remeter a discussão da transexualidade para o campo dos direitos humanos fundamentais. Torna-se premente recusarmos ser coniventes com a estigmatização desta possibilidade humana, entendida como uma, dentre outras, ‘solução possível’ encontrada, no processo histórico relacional de constituição psicosssexual, para a difícil questão da sexuação e da diferença sexual. Não é digno de um ser humano encontrar como possibilidade de inserção, no campo da cultura humana, um ‘não-lugar’, às margens, ou a rota desviante que deveria ser restaurada pelo ideal contemporâneo técnico-científico, que impõe soluções corretivas para o que deveria ser contemplado como possibilidade.

### **Referências bibliográficas**

FREUD, Sigmund. Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade, vol. VII, in *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1905d.

\_\_\_\_\_ Sobre o Narcisismo: uma introdução, vol.XIV, in *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1914c.

\_\_\_\_\_ Os instintos e suas vicissitudes, vol.XIV, in *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago. 1915c

\_\_\_\_\_ O Ego e o Id, vol. XIX, in *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1923b.

\_\_\_\_\_ Inibições, sintomas e angústia, in *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XX, Rio de Janeiro: Imago, 1926d.

LACAN, Jacques. O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu, in *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LIONÇO, Tatiana. Um olhar sobre a transexualidade a partir da perspectiva da tensionalidade somato-psíquica. *Tese de Doutorado*, Brasília: Instituto de Psicologia/Universidade de Brasília, 2006.

McDOUGALL, Joyce. *As Múltiplas Faces de Eros*, São Paulo: Martins Fontes, 2001.